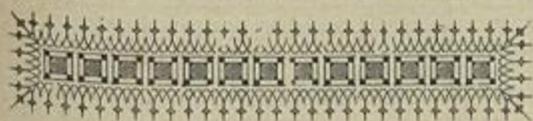


OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º à entrega	20.º Anno — XX Volume — N.º 663	Redacção — Atelier de gravura — Administração <i>Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4</i>
Portugal (franco de porte, m. forte)	3\$800	1\$900	\$950	\$120	30 DE MAIO DE 1897	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)....	4\$000	2\$000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		



CHRONICA OCCIDENTAL

Lisboa anda alvoroçada ha uns dias para cá com um alvoroço muito semelhante ao que o anno passado fez aqui o systema Kuhne.

D'esta vez não são as maçãs, os nabos as couves ou as cenouras, que sobem ao galarim depois de subirem á cabeça dos lisboetas, nem os padeiros que vendem pão de rala por preço superior ao pão alvo, como eu notei a um d'esses honrados fabricantes:

— Mas este pão á Kuhne por 40 réis é uma burla.

E elle com um sorriso esperto:

— Faz-se o que se póde...

A causa do alvoroço agora é outra e sem ser uma causa grande, pois é de natureza bem pequena, póde produzir grandes males, como muita gente diz.

E' a formiga branca, uma praga que apparece agora em Lisboa e que parece assustal-a muito mais que a praga do deficit com que afinal ninguém já se importa por ser velho e o que deserta interesse é a novidade.

Contam-se coisas extraordinarias da formiga branca, um terrivel termite destruidor, que roe todas as madeiras de um predio e prega com elle no chão deixando-lhe só as paredes exteriores; isto á sordina, sem se dar pelo mal senão depois d'elle estar feito, o que em verdade é para assustar, por ser um inimigo que se não vê, que não se encontra facilmente.

D'ahi o grande prazer de descobrir algum, como aconteceu a um amigo nosso.

Eu ia pela Rua Nova do Carmo abaixo e elle subia-a apressado, offegante.

— Tão de pressa por esta ladeira, notei-lhe eu, estendendo-lhe a mão.

— E' que fiz agora uma descoberta, disse-me elle, mal abrandando o passo em que ia.

— Uma descoberta?

— Sim, uma descoberta que indica que o mal se propaga com extraordinaria rapidez!

— O mal?... atalhei eu muito intrigado.

— Sim o mal. Levo aqui um exemplar magnifico que vou entregar no Governo Civil. Uma rainha nem mais nem menos, que encontrei ali, n'um banco do Rocio.

Eu abria muito os olhos para o meu bom amigo pensando que elle tinha perdido a razão.

— Queres vêr? E com todo o cuidado tirou da algibeira do collete um pequenino embrulho n'uma mortalha de cigarro e mostrou-me o curioso achado.

Eu compreendi então tudo.

Elle andava á descoberta da formiga branca e na sua febre de explorador tomara um bello exemplar dos habitantes dos bancos do Rocio, por uma rainha, que é a phase interessante do devastador termite.

Custou-me a convencel-o do engano, até certo ponto facil de se dar, e senão lhe observasse que o termite, n'aquella phase não anda assim ao ar livre, elle não se despojava do seu rico exemplar, enquanto eu sentia já um prurido impertinente pelo corpo, só com a vista do famoso insecto.

Mas não param aqui as descobertas.

Segundo me contaram, um pobre homem foi

outro dia ao Governo Civil levar um frasco cheio de formigas das que lhe invadiam a casa em grande fartura.

— Eu bem dizia ha muito tempo que era preciso que as auctoridades intervissem n'esta pouca vergonha das formigas, declarou elle ao chefe Teixeira.

— Ahi as tem e dê-lhe o devido castigo, continuou o homemsinho.

— Mas isto são formigas loiras!

— Deixal-o, ser. Tambem eu ja fui loiro e agora estou todo branco. Assim é que é apanhal-as.

E o que é certo é que as formigas são o assumpto do dia, a preocupação de toda a gente.

Alguns não sabem onde morar, se em rez-do-chão se em andares. Morando em andares superiores acompanha-os o receio de adormecerem na agua-furtada e acordarem na loja entre escombros, ou morando no rez-do-chão cahirem-lhe em cima os visinhos dos andares superiores o que não será melhor.

Depois ha exemplos de casos assim e ainda não ha muito as gazetas noticiaram que, na festa de umas bodas, quando todos dansavam e se divertiam alegremente e os noivos antegosavam a primeira noite feliz da sua vida, abateu o sobrado com todos que estavam em cima apanhando um formidavel susto e algumas contusões.

AS VICTIMAS DA CATASTROPHE DE PARIS



DUQUEZA DE ALENÇON

O grande perigo da formiga branca, porém, não é só este, mas as vinganças a que o terrível termite se presta.

Agora já os senhores féros e tyrannos não poderão zombar impunemente dos pobres inquilinos, exigindo-lhe a cada passo augmento de renda sob os pretestos mais futeis e com a mais desenfreada usura.

A formiga branca é que nos póde vingar.

O senhorio é usurario, é tyranno, é despota; pois muito bem.

Mudai-vos da casa inquilino, mas antes de o fazerdes arranjar umas formigas brancas, authenticas e introduzi-as no pau da roupa. É o sufficiente para em mil annos a casa vir ao meio do chão e vós gozardes o prazer dos deuses: a vingança.

Uma casa, na rua da Santissima Trindade, já está condemnada. Vão-lhe largar fogo, podendo d'esta vez o boçal gallego dizer com fundada razão: deixa arder.

Já appareceu o terrível termite nas sentinas do Instituto Industrial e se as pesquisas não param é de esperar que se descubram grandes ninhadas de formiga branca por esses estabelecimentos officiaes, explicando-se, emfim, todo o desconcerto da publica administração.

Os sabios dizem que a formiga branca é indigena da Europa, que habita toda a região circummediterranea, encontrando-se na ilha da Madeira e em algumas mattas do reino, como nos pinheiros do Alfeite.

A formiga branca é sobretudo de uns caprichos, que enguicam os espiritos mais fortes.

Aqui ha tempos cahiu roido o pau da bandeira do castello de S. Jorge. Agora descobre-se que foi obra da formiga branca.

Um d'estes dias uma nuvem d'aquelles insectos, na phase de Netto-Saldado, entrou por uma janella do Paço das Necessidades, com a mesma semceremonia com que entraria pela agua-furtada do ultimo dos cidadãos portuguezes.

E assim ameaça o damninho insecto destruir tudo mas só o que não destruirá é a caridade o grande espirito altruista dos portuguezes que a cada hora se manifesta e dá provas da sua grande vitalidade.

Ainda ha poucos dias Lisboa assistiu á inauguração do Albergue das Creanças Abandonadas, e no dia 24 do corrente se realisou a inauguração do Asylo da Ajuda, na sua nova casa provisoria na Villa Santo Antonio á Junqueira, do sr. conde de Bournay.

Este asylo conta já um bom par de annos de existencia e tanto que por o primitivo edificio precisar de obras é que se mudou agora provisoriamente para as casas da Villa de Santo Antonio, que o sr. conde de Bournay, pôz bizarramente á disposição da direcção do asylo.

E ficou perfeitamente installado, como puderam vêr todas as pessoas que ali foram a convite do sr. Jayme Arthur da Costa Pinto, meretissimo provedor do asylo, que n'um pequeno discurso fez a historia d'aquelle estabelecimento de caridade, onde teem sido educadas algumas centenas de meninas e entre estas muitas que são hoje professoras n'outros estabelecimentos de ensino. Nem menos de 40 educandas teem d'ali sahido desde 1883 até o presente, para se dedicarem ao magisterio. Este resultado altamente li-songeiro, deve-se, sem duvida, além da boa direcção superior, ao corpo docente do asylo, composto da sr.^a D. Maria Augusta Caldas, regente, e das sr.^{as} D. Alexandrina Cardoso, D. Palmyra Xavier, D. Carlota Virginia da Silva e D. Anna Rosa Gonçalves, professoras, algumas das quaes que foram educandas d'este asylo.

N'aquelle mesmo dia houve *garden-party* na legação ingleza, para solemnizar o anniversario natalicio de Sua Magestade a Rainha Victoria.

Mr. Mac Donell deu uma festa brilhante a que concorreram o corpo diplomatico e consular, ministerio e ministros de estado honorarios, vendose ali as principaes damas da alta sociedade, como as ex.^{mas} sr.^{as} ministras de Hespanha, de França e da Allemanha; Condessa de Figueiro, Princesa de Cariati, Duqueza de Palmella, Duqueza d'Avila e de Bolama, Marquiza do Funchal, Marquiza Oldoini, D. Margarida Chaves dos Santos Silva, D. Mathilde Aguiar de Andrada Santos Silva, D. Maria Emilia Seabra de Castro e filha, Condessa de Paraty, Viscondessa de Champalimaud Duff e filha D. Sophia, Condessa de Bobone e filhas, D. Rita de Barros Gomes e filha, D. Izabel de Sousa Coutinho, D. Joanna Chaves Hintze Ribeiro, D. Josephina de Costa Motta, Mad. Allizé, D. Bertha Athouguia Pinto Basto, D. Ernestina Navarro e filha, D. Josephina de Castello Branco Ribeiro da Cunha, Baroneza de Anvers, D. Maria Luiza de Sá Pereira, D. Anna Schw Ferreira Pinto, Mad.

Bucknell, Condessa d'Avila, Viscondessa de Mangualde, Viscondessa de Fontenay, D. Maria Joaquina de Saldanha Ornellas e filhas, Mademoiselle Guadalupe de Castro, Condessa de Valenças, Condessa do Calhariz de Bemfica, D. Anna de Serpa Pimentel, D. Rita de Carvalho, Mad. Thornton, Viscondessa de Taveiro, Condessa d'Alte e filha D. Victoria, Condessa de Seisal, D. Emma de Portugal, Mad. Deslandes, Mad. Watson, etc.

E distinguindo-se entre os cavalheiros os srs. Nuncio de Sua Santidade, Conselheiro José Luciano de Castro, ministros da Allemanha, de França, da Suecia, de Hespanha, da Austria e da America do Norte; Conde de Figueiro, Conde de Valenças, Barão de S. Pedro, Marquez de Fronteira, Marianno de Carvalho, Emygdio Navarro, Conde de S. Miguel, Duque de Palmella, José Ribeiro da Cunha, Mr. Em. Principe de Cariati, Costa Motta, D. Juan de Castro, Conde de Bobone, Visconde de Mangualde, Eduardo Ferreira Pinto Basto, Mr. Rawes, Carlos du Bocage, Manuel Brandão, Alberto Braga, Guilherme Ferreira Pinto Basto, Arthur Duff, Guilherme Bucknell, etc.

No encantador jardim do palacio da legação, fundado por lord Lytton, tocava a charanga da armada e na sala do baile um sextetto.

Desde as 4 horas até ás 7 da tarde dansou-se animadamente, fazendo as honras da casa lady Mac Donell com inexcédível primor e amabilidade.

Uma grande parte das pessoas que sahiram da *Garden party* foram á noite para D. Maria onde tinha logar a recita do auctor do *Regente*; outra festa extremamente agradável e significativa, a festa do talento e do trabalho, em que o sr. Marcellino de Mesquita recebeu immensos applausos e provas de admiração.

O theatro estava cheio, como aliaz tem estado todas as noites em que se representa o *Regente*. N'aquella noite, porém, tinha um ar de festa e de entusiasmo que o differença das outras recitas.

O mesmo aconteceu na noite seguinte, no theatro da Rua dos Condes com a recita do *Reino da Bolha* dedicada a Raphael Bordallo Pinheiro auctor dos bellos typos que apparecem n'esta revista.

Teve tambem a sua noite de triumpho o inimitavel caricaturista, que o publico encheu de applausos e de flores.

O theatro estava decorado com exquisito gosto, com novidade pelo sr. Jeronymo Silva, e durante aquellas divertidas horas, ia apostar que não houve um só espectador que se lembrasse da formiga branca.

Vade retro.

Lynce.



AS NOSSAS GRAVURAS

AS VICTIMAS DA CATASTROPHE DE PARIS

Publicando hoje trinta e tres retratos das victimas do incendio do Bazar de Caridade da rua *Jean-Goujon*, não nos anima a idéa de satisfazer meramente a curiosidade do publico em conhecer as phisnomias d'essas victimas, mas antes uma homenagem de respeito e condolencia pelos que morreram por bem fazer, e por suas illustres familias.

É justa esta homenagem porque a catastrophe que fez tantas victimas, sensibilizou o mundo, a humanidade, tanto mais pelo fim altamente humanitario para que ali se achavam reunidas, o de implorar a caridade para os pobres, o de angariar esmolas para os soccorrer.

Era um punhado de obreiros do bem, d'esses obreiros que por toda a parte trabalham para minorar a infeliz situação dos desprotegidos da sorte, dos desgraçados que não podem ganhar os meios de subsistencia.

Por isso os retratos que o OCCIDENTE hoje publica, não serão vistos somente com a curiosidade vulgar por qualquer acontecimento, mas serão vistos com respeito e veneração como retratos de martyres, victimas da sua dedicação pela causa da humanidade.

Estes retratos são copias de photographias que hoje constituem reliquias preciosas, recordações de familia, porque as pessoas que elles representam já não poderão tirar outros, nem mesmo a morte os deixou em estado de poderem ser retra-

tados com algum vislumbre de semelhança do que foram, reduzidos a esqueletos carbonisados que horrora contemplar.

As victimas sóbem já ao numero de cento e trinta e tres, além das que jazem enfermas no leito, algumas em estado grave. Não era possivel obter retratos de todas, porque muitas até se ignoram quem sejam, perdidas entre a população de uma grande cidade como Paris; entretanto os retratos que publicamos são, não diremos das mais importantes, porque importantes eram todas as vidas que ali se perderam, mas das mais conhecidas.

Entre estas destaca-se a sr.^a duqueza de Alençon, uma vida dedicada a bem fazer aos pobres que tinham n'ella a mais decidida protectora.

A illustre senhora que ainda não contava 50 annos, era prinzeza da Baviera e casára com o duque de Alençon filho do duque de Nemours e neto do rei Luiz Philippe. A sua morte levou o luto ás familias de Orleans, de Bourbon, da Baviera, de Saxe-Coburgo-Gotta, de Halsburgo da Austria e de Bragança.

Publicamos tambem os retratos de Mrs. Gomery e Eduardo Vaudier, dois benemeritos a cuja dedicação e extraordinario esforço se deve o salvamento de perto de cem pessoas, do terrível incendio. Mr. Gomery cosinheiro do *Hôtel du Palais* e o seu ajudante Vaudier, distinguiram-se entre tantos homens a quem faltou a coragem para arrostar com as chammas e d'ellas arrancarem uma boa parte das victimas.

O *Hôtel du Palais* ficava nas trazeiras do terreno em que haviam armado o Bazar, e deitava para esse terreno uma janella de grades.

Gomery correu a essa janella, arrancou com grande dificuldade parte dos varões de ferro, que formavam a grade, e ali, principiaram os dois a salvar gente, agarrando como podiam as victimas, algumas com os fatos já meio incendiados, mas que eram logo soccorridas convenientemente e n'esta faina levaram com valor e coragem superior a todo o elogio, até que houve gente que por ali se poud salvar.

São dois benemeritos que se recommendam á admiração e respeito de todos.

A Covilhã e a Industria dos Lanificios

(Continuado do n.^o antecedente)

III

Os inqueritos, os catalogos e relatorios das exposições são as fontes a que nos vamos por agora soccorrer, para traçarmos o quadro do desenvolvimento da industria dos lanificios da Covilhã, segundo os dados e indicações officiaes; não porque elles consigam representar perfeitamente a verdade, mas porque são os unicos de que podemos e devemos dispor.

N'um dos pequeninos volumes da *Bibliotheca das Fabricas*, publicada em 1863 pela Associação promotora da industria fabril, de Lisboa, *As Fabricas da Covilhã*, encontramos a melhor monographia que conhecemos, nem de outro modo é justo considerar, attenta a penna auctorisada do seu auctor — Joaquim Henriques Fradesso da Silveira. A esse livrinho, remettemos o leitor que desejar mais amplas informações. N'esse trabalho se descrevem as diversas operações porque então passava a lã nas fabricas covilhanenses, as machinas uzadas, cujos motores eram todos hydraulicos, sendo a fabrica do sr. Marques de Paiva a que primeiro empregou machinas a vapor. Ahi se examinam varias tabellas interessantes e curiosas, como a do preço da lã desde 1817 e por todos os annos seguintes, um mappa referente aos operarios que se empregavam, em 1860, nos differentes estabelecimentos fabris da villa da Covilhã, afóra muita gente operaria das importantes povoações de Belmonte, Teixoso e Tortuzendo, cada uma das quaes tinha então já perto de 600 fogos, vivendo metade d'essa população da industria referida.

O mesmo acontecia em Unhaes. Muitas pessoas da Covilhã, por não trabalharem diariamente nos estabelecimentos, não foram tambem incluídas no mappa; assim os fabricantes propriamente ditos, as respectivas familias, os conductores, ou almoceves e outros que representavam um pessoal enorme, quasi que a totalidade dos habitantes da Covilhã e povoações indicadas, porque todos directa ou indirectamente estão interessados nos lanificios.

Eis um resumo do mappa alludido:

Mestres ou directores das fabricas	74
Apartadores.....	81
Lavadores.....	64
Escolhedeiras.....	498
Cardadores.....	106
Fiadeiros.....	74
Canudeiros.....	311
Urdideiros.....	56
Tecelões.....	601
Caneleiros e caneleiras.....	368
Pizoeiros.....	251
Tintureiros.....	89
Oureladeiros.....	46
Espiuzeiras e esbiadreiras.....	120
Cerzideiras.....	42
Ultimadores.....	179
Chamisseiros.....	188
Carpinteiros.....	80
Ferreiros.....	30

De entre este pessoal, 1:827 são homens e 679 menores, 762 são mulheres e 540 raparigas, menores de 16 annos; o que dá um total de 3:808 pessoas.

N'esse mesmo anno de 1860, havia na Covilhã 35 estabelecimentos cujos proprietarios eram os seguintes, segundo outro mappa organizado pela Associação Commercial da mesma villa, advertindo que não são comprehendidos n'este mappa os diferentes fabricantes que exerciam a sua profissão na propria residencia.

Data da fundação	Nome do fundador	Nome e firma do proprietario
1810	Valerio Gomes Correia & Irmão	Francisco Nunes Marques de Paiva
1800, 1850	José Mendes Veiga	José Mendes Veiga
1800	Simão Pereira	Antonio Pessoa de Amorim
1842	Mello Giraldes & C. ^a	Mello Giraldes & C. ^a
1842	Antonio José Tavares	Antonio José Tavares
1850	Antonio Nunes de Sousa & Filhos	Antonio Nunes de Sousa & Filhos
1840	Manoel Nunes	Manoel Nunes
1842	João Mendes Alçada	João Mendes Alçada
1848	Januario Gomes	Januario Gomes
1846	José Maria Nogueira	José Maria Nogueira
1850	Francisco dos Santos	Francisco dos Santos
1850	Silvestre Nunes de Moraes	Silvestre Nunes de Moraes
1820	Estevão Cezario de Sousa	José Maria da S. ^a Campos e Mello
1854	Manoel Telles	Manoel Telles
1816	Antonio Gomes	Antonio Gomes
1870	Ribeiro Graça & C. ^a	Ribeiro Graça & C. ^a
1850	Carvalho & Guimarães	Guimarães & Alves
1854	Tavares, e Espinho	Tavares, e Espinho
1850	Alves, e Granha	Alves Ginginha
1840	João Barbas, e Irmãos Barreto, e C. ^a	João Barbas, e Irmãos Silva Carvalho & J. ^a
1854	Viuva Santos, e C. ^a	Viuva Alves Santos e C. ^a
1850	Grinha, e Ginginha e C. ^a	Paiva, e Rogeiro
1852	Terenas, e C. ^a	Terenas, e C. ^a
1848	Antonio Baptista Leitão	Antonio Baptista Leitão
1840	Francisco Camolino	Francisco Camolino
antigo	José Henriques de Castro (ignora-se o fundador)	Dr. Cassiano Augusto João de Figueiredo
•	•	Antonio Canudo
•	•	João dos Santos Paulo
•	(ignora-se a fundação)	Salvador e Cunhado
•	•	Daniel José da Cunha
•	•	P. ^e Frazão Ferreira do Zereze
•	•	José Vaz de Sousa
•	•	Vicente da Costa Ruivo

Pelo inquerito de 1812, o corregedor da comarca da Guarda informou, segundo refere José Acursio das Neves, nas suas *Varietades*, de que na Covilhã, existiam, além da Fabrica Real, a de José Mendes Veiga, por então estacionaria, a de Antonio Pessoa de Amorim, e a de Antonio José Raposo, que acima não está mencionada e que deve ser uma das que o mappa consigna como ignorando-se a fundação.

Em 1801, a Covilhã produzia 7:687 peças, em 1802, umas 8:074, e em 1860, tinha triplicado os seus productos, attingindo o consumo da lã arrobas: 100:000, que deram 20:000 peças de pannos, n'um valor de 840:000\$000 réis.

Os seus productos foram pannos castores pretos, azues, etc.; casimiras; mesclas; meias casimiras; xadrezes; borelinas; briches; castorinas; bureis; chales mantas; serafinas; picotilhos; etc.

Passemos a 1865, e vejamos as actas das sessões da commissão do inquerito d'esse anno, constituido por decisão do conselho geral das alfandegas, encarregada de estudar a exposição internacional aberta na cidade do Porto, em 18 de setembro de 1865, e completando as indicações ahi produzidas com muitas outras que alcançam até 1863, façamos uma rapida historia das fabricas covilhanenses mais importantes.

Em 1842, na ribeira da Carpinteira, arrabaldes da Covilhã, edificou a sociedade Mello & Giral-

des no sitio da *Fabrica Velha*, assim denominado, por ahi se ter construido a mais antiga fabrica conhecida da Covilhã, um estabelecimento de cardar, fiar, pisoar, perchear e afinar ou cortar o pello. Compunha-se de motor hyraulico, d'uma roda de madeira da força de seis cavallos, 1 carda portuguesa, 1 carda emburradora, 1 carda canudeira, 1 desengroço, 2 fiações de 250 fusos cada uma, 1 machina de perchear, 1 tesoura longitudinal, 1 tesoura transversal, tudo inglez.

A escolha, outros preparos da lã e os teares da fabrica estavam então na rua Direita da Covilhã; a tinturaria e a final ultimação eram feitas na fabrica do socio Mello, que era a de Campos Mello & Irmão.

Em 1851, foram os edificios e quasi que todos os machinismos arruinados pelo fogo. Em seguida, effectuou a sociedade a compra de todos edificios e terrenos da antiga *Fabrica Velha*, e ficou a fabrica sob a firma de Mello Giraldes & C.^a, que construiu novos edificios, reedificou os antigos, assentou os machinismos mais perfectos, mandados vir de Inglaterra, Belgica e França, reuniu o fabrico n'uma das novas casas, estabeleceu 52 teares, tinturarias e ultimações, ficando assim a fabrica completa, que recebendo a lã em sujo a preparava até final, tudo em suas proprias officinas.

Decorrendo o aperfeiçoamento dos machinismos do preparo da lã, foi sempre a firma introduzindo as melhores invenções, pelo que em 1865, girando sob a firma Mello & Giraldes, possuia o machinismo abaixo indicado cujo motor hyraulico recebia a agua da ribeira da Carpinteira, a mais abundante das tres que das nascentes da Serra da Estrella, correm por 4 kilometros, sendo as outras duas a Degoldra e a Aguadalta, e constituem uma fonte de enorme riqueza para a industria da Covilhã.

O importantissimo machinismo constava de 1 desmotadora grande ou escolhedeira, belga, 1 varideira ou carda inglesa, 1 lobo ou carda francez, 2 cardas emburradoras, belgas, 2 ditas de apparato, belgas, 2 fiações de 270 fusos cada uma, belgas, 1 sortido de 3 cardas com carregadeira mechanica e alimentação continua, systema Mercier, francez, 1 fiação de 260 fusos, ingleza, 1 fiação com apparelho de fiar de 248 fusos, francez, 1 torcedeira, ingleza, 8 urdideiras, 14 teares com machina á Jacquart, 66 teares para tecidos lisos ou entrançados, 1 lavadeira mechanica, belga, 2 batans ou pisões mechanicos, belgas, 2 pisões de madeira, portugueza, 1 aprestadora, ou percha e thesouira, belga, 4 perchas inglezas, 1 tesoura aprestadora (tesoura e escova), belga, 1 tesoura longitudinal, ingleza, 1 tesoura transversal ingleza, 2 tesouras transversaes inglezas, belgas, 1 machina de retinar, franceza 1 machina de enrolar para o lustro (feita na Fundição Perseverança, de Lisboa) portugueza, 1 machina de limpar os cardos, belga, 3 prensas, 1 caldeira de vapor para lustrar, 6 caldeiras para tinturaria, 1 caldeira para fazer sabão, 11 ramolas de enxugar.

As operações de fabrico eram as seguintes: apartar, lavar, escolher, cardar, fiar e tingir a lã; urdir, tecer, lavar, pisoar, perchear, afinar, lustrar a vapor, tingir (os que ainda não foram tintos em lã ou fiado) prensar e escovar os pannos.

O consumo era de 150:000 kilos de lã da Allemanha, Buenos Ayres, hespanhola e portugueza alemtejana.

O pessoal empregado contava uns 200 homens, 50 mulheres e 50 menores, vencendo salario diario de 100 réis a 1\$800 réis.

A producção era de 25 qualidades de fazendas sortidas em preços, côres e gostos, e de entre as quaes se distinguiam como especialidades: pannos castores, velludo, retinados, pretos e de côres; pannos pilotos, mesclados, xadrezes e de phantasia; pannos tintos em lã azul, castanha, verde etc.; pannos pretos, borlinas (desenfestadas); cazimiras.

(Continúa)

Esteves Pereira.

FERNÃO DE MAGALHÃES

DESCORRIDOR DAS FILIPPINAS

XI

(Continuado do n.º 660)

Tinha decorrido mais de seis mezes que a esquadilha estava no porto de S. Julião quando um dia appareceu na praia um ho-

mem de grande estatura, mal coberto com uma pelle de animal, cantando em desconcertada voz, pulando e lançando punhados de areia na cabeça, o que pareceu significar as suas intenções pacificas, porque, segundo diz o capitão Cook na sua *Voyage dans l'hémisphère austral*, os indios da ilha de Malicolo lançavam agua na cabeça em signal de paz.

Extranha apparição esta que surprehendeu os navegantes já descorçados de encontrarem alma viva n'aquellas paragens.

Os hespanhoes repetiram o mesmo signal que o selvagem fizera, de deitar areia na cabeça, para assim elle entender que estavam na mesma intenção.

De facto o selvagem acercou-se de um marinheiro que Magalhães mandou a terra e com elle veio á presença do chefe da esquadilha.

Pigafetta descrevendo este selvagem diz:

«Era este homem tão alto que a sua cintura dava pela nossa cabeça. Bella estatura; rosto amplo e arroxado, olheiras amarellas e como que marcando-lhe as faces duas manchas em forma de coração. Os cabellos, muito curtos, pareciam embranquecidos com pó. Cobria o corpo, ainda que mal, com as pelles de um animal que abundava n'aquelle paiz. Este animal tem cabeça e orelhas de mula, corpo de camello, pernas de veado, cauda de cavallo e relincha como este.»

Deve ser o guanaco.

Parece que a surpresa fez augmentar aos olhos dos hespanhoes as proporções d'aquelle selvagem, pois que D'Orbigny na sua obra *L'homme américain* referindo-se aos habitantes d'aquellas regiões diz: «Não podemos occultar que nos illudiu a apparencia d'estes homens. A largura das suas espaldas, cobertas desde a cabeça até os pés com capas de pelles de animaes selvagens, cosidas n'uma só peça, produziram em nós tal illusão, que primeiro de os medirmos nos pareceram ficarem reduzidos ás dimensões vulgares.»

Diz ainda Pigafetta: «Magalhães recebeu com muito agrado este selvagem. Ordenou que lhe dessem de comer e o levassem diante de um grande espelho, o que o surprehendeu extraordinariamente e eueheu de admiração. O selvagem que não tinha a menor noção do que fosse um espelho, e que pela primeira vez via a sua propria figura, recuou cheio de espanto, deitando ao chão quatro homens que estavam atraz d'elle.»

Aquelle primeiro selvagem foi mandado pôr em terra depois de Magalhães lhe ter dado alguns presentes, e elle tão contente se foi, que não tardou que outros se apresentassem com a mira nas mesmas dadas.

Eram todos da mesma corpolencia que o primeiro, e como aquelle tinham pés enormes, pelo que os navegantes os denominaram Patagões, nome porque ainda actualmente são designados os homens d'esta raça.

As victimas da catastrophe de Paris



Viscondessa d'Avenel



M.elle Hélène Dutreil



Viscondessa de Bonneval



Condessa Mimerel



Condessa A. de Moustier



Dr. Henri Feulard



Viscondessa Christian
de Malézieu



Baroneza de Saint-Didier



General Munier



M.elle de Vatismesnil



M.elle Generala Chevals



M.elle Alice Jacquin



M.elle Jacques Haussmann



M.elle Couvet de Villeneuve



M.elle Antoinette de Mandat-
Grancey



M. Victor Potclevin

As victimas da catastrophe de Paris



Baroneza de Carayon La Tour



M.^{lle} Henriette de Hinesdal



M.^{me} Nitot



M.^{lle} Suzanne Nitot



Condessa de Hunolstein



M.^{me} Frédéric Dillaye



Marqueza de Bouthillier-Chavigny



Baroneza Caruel, de Saint-Martin



Viscondessa de Beauchamp



M.^{me} Moreau-Nélaton



Condessa de Saint-Ange



Condessa de Horn



M.^{lle} Anna Ginoux de Fermon,
Irmã Maria, filha da Caridade



Dr. Rochet



Marqueza de Isle



M. Alberto Masure



A todos Magalhães mandou dar comida e presenteou com espelinhos, missangas e outras bugiarias, com o que ficaram muito contentes. Um d'elles mais domesticou demorou-se alguns dias a bordo da *Trindade*, sociando com os marinheiros, que lhe ensinaram algumas palavras castelhanas e o baptisaram com o nome de João.

Este João comia os ratos que os marinheiros caçavam, e o fazia com muito gosto, até que mostrando vontade de ir para terra o desembarcaram, sem que por muitos dias voltassem ás vistas dos navegantes outros selvagens.

Eram tão extraordinarios os habitantes d'aquellas paragens, que Magalhães entendeu trazer dois d'elles ao rei de Castella, quando regressasse á Europa.

Foi assim que a 28 de julho, voltando á praia quatro selvagens dos que já tinham estado a bordo, Magalhães os mandou buscar, retendo no navio dois d'elles e mandando para terra os outros.

É curioso o que Pigafetta descreve a respeito da prisão d'estes dois patagões: «Foi preciso pôr-lhe grilhões aos pés, enganando-os, fazendo-lhes acreditar que os ferros eram presentes e lh'os punham nos pés para que os podessem levar para terra.»

Não foi de bom aviso a detenção dos patagões a bordo, porque isto levou desconfiança aos que estavam em terra e que, mais numerosos, vieram juntar-se de noite, na praia onde accenderam fogueiras, coisa que até ali não fóra visto pelos navegantes.

Este facto chamou a attenção de Magalhães, que na manhã seguinte mandou sete homens á descoberta para saber o que seria.

Os exploradores, porém, encontraram a praia deserta e apenas vestígios das fogueiras, assim como das pégadas dos indigenas impressas sobre a areia e na neve que cobria as extensas planicies. Os exploradores, apesar do seu limitado numero, não duvidaram de se enternarem em busca dos selvagens, mas passaram o dia n'esta diligencia sem encontrarem nenhum, resolvendo por fim retirarem-se ao approximar-se a noite.

Foi n'essa occasião que os exploradores se viram acommettidos por um bando de patagões, completamente nus e armados de flechas e que, segundo parece, os andava seguindo a distancia, sem que até ali tivesse sido notado.

Travou-se lucta desproporcionada, porque alem da desigualdade numerica, os exploradores apenas levavam um arcabuz, unica arma de fogo com que se encontravam, para fazer frente ao inimigo que os atacava.

Diogo Barroza, soldado da guarnição da *Trindade*, caiu morto por uma flechada, e a lucta recresceu de intensidade e bravura. Os exploradores carregaram sobre os selvagens com redobrado valor, luctando corpo a corpo, taes estragos lhes fizeram, que o inimigo recuou, fugiu e desapareceu para o interior dei-

xando os exploradores senhores do campo.

Só na manhã seguinte voltaram para bordo, depois de terem passado a noite á roda de uma fogueira para se aquecerem e na qual assaram uma porção de carne, que os selvagens abandonaram na fuga, e que serviu aos exploradores de lauta ceia.

Quando Fernão de Magalhães soube do occorrido, quiz vingar a morte do soldado da *Trindade* e mandou para terra vinte homens armados para bater os patagões; mas trabalho inutil foi este, porque os selvagens não appareceram por mais que os procurassem e os exploradores apenas poderam dar sepultura ao cadaver de Diogo Barroza, seu companheiro d'armas.

(Continúa). CAETANO ALBERTO.

AVENTURAS D'UMA NOVIÇA

(VEPSÃO)

A narrativa que vamos encetar tem a magica suggestão d'um romance extraordinario. A protagonista é auctora por todas as formas; na sua autobiographia, nas presentes memorias, ella soube exceder, por vezes, quasi que a verdade, e, comquanto esta sua narração seja bastante aventurosa e piccaresca, é profundamente verdadeira.

A noviça hespanhola D. Catalina d'Erauso pertence ao seculo XVI, e as suas aventuras não devem causar espanto, porque estão dentro do seculo das grandes audacias, como lhe chamam os positivistas. Mas se esta admiração é diminuida agora pelo conhecimento philosophico das épocas, não aconteceu assim com os contemporaneos da celebrada noviça, aos quaes as suas memorias causaram um indescriptivel assombro. Os historiadores mais conspícuos se referem a ella, como a uma mulher extraordinaria.

A bibliographia conserva-nos indicação das seguintes *Relações* das suas proezas, dadas á estampa successivamente, em Madrid, por Guzman, e em Sevilha, por Simon Faxardo, no anno de 1625.

Quando essas memorias appareceram em Hespanha, Juan Perez de Montalvan compoz e fez representar na córte a sua comedia famosa da *Monja Alfez*.

A fama passou as fronteiras, e, no principio d'este seculo, publicava-se n'uma revista portugueza, a historia da *Freira Sanguinaria*. Em 1829, imprímia Joaquim Maria de Ferrer, em Paris, na casa Didot, segundo um manuscripto do historiador Muñoz, o texto das memorias, acompanhando-o de numerosas notas e documentos comprovativos.

Ultimamente, fez-se ainda, em Paris, uma edição das memorias de D. Catalina de Erauso, traduzidas em francez pelo sr. J. M. Heredia, trabalho que nos serve de guia na presente versão.

Varios são os retratos que existem da heroína hespanhola; entre elles tem o melhor logar uma gravura que reproduz um quadro do mestre sevilhano Pacheco. Outro tirado do natural, feito á penna, representa-nos D. Catalina de Erauso, com a sua goliha, gorjal de ferro e gibão de pelle de bufalo, muito pouco airosa, na verdade, embora d'um aspecto varonil e marcial, mas em que se revela rudeza.

São curiosas as noticias que d'ella nos offerece o viajante Pietro della Valle, em uma sua carta, datada de 11 de julho de 1626 e dirigida ao seu amigo Mario Schipano:

«No dia 5 de junho, veiu pela primeira vez a minha casa a alferes D. Catalina de Erauso, biscainha, chegada de Hespanha, na vespera d'aquelle mesmo dia.

«É uma mulher de trinta e cinco a quarenta annos. A sua fama chegou-me aos ouvidos, quando me encontrava na India. Foi o meu amigo padre Rodrigo de S. Miguel, seu compatriota, quem m'a apresentou, e, por minha vez, fê-la conhecer a varias senhoras e cavalheiros, cuja conversação lhe agradava bastante.

«O signor Francesco Crescentio, um bom artista, pintou-lhe o retrato. Alta, robusta, de apparencia mascula, nem sequer o seio é de mu-

lher! Disse-me ella ter feito não sei o quê para o diminuir. O remedio foi, ao que imagino, um emplastro arranjado por um italiano. O effeito, embora doloroso, satisfez-lhe plenamente os desejos. De cara, não é nada feia, porém envelhecida. Os cabellos são pretos e usa-os curtos, como um homem, cahidos á guiza das cabelleiras de agora. No todo, parece mais um ennuco do que uma mulher.

«Quanto ao seu vestuario traja de homem, á hespanhola; usa espada, e tão altiva se mostra ao cingil-a, como animosa ao expôr a vida. Quando anda, inclina a cabeça um pouco para diante, e como o pescoço é curto, os hombros são muito desenvolvidos.

«Em summa: tem cara mais de soldado do que de pagem galante da córte. Apenas a mão poderia fazer suspeitar da verdade do seu sexo, porque é bem feita e carnuda. Ainda que robusta e forte, ha nos seus gestos um não sei quê de femenino.»

É, pois, a historia de tão singular mulher, o que aqui vamos deixar, copiando as memorias escriptas por sua propria mão. É uma narrativa sincera e brutal, em que se lhe espelham a alma e a vida accidentada, que ambas foram como as de um homem de acção.

Estas memorias começou-as a escrever D. Catalina de Erauso, em 18 de setembro de 1624, por occasião da sua viagem de regresso a Hespanha, a bordo do galeão S. José, aproveitando, certamente, as horas de ocio que lhe davam os longos dias de travessia do mar dos tropicos. Deixa então o convez, recolhe-se ao beliche, e ahí, a sós, revive no pensamento, rememorando as aventuras passadas, os embates da fortuna, toda a sua vida errante e livre, escrevendo n'uma linguagem clara e concisa. É tão varonil nas suas memorias que, só por excepção, nos casos angustiosos, se trata a si no femenino. Não se admire, pois, o leitor, ao conservarmos religiosamente tão extranha maneira.

I

Eu, D. Catalina de Erauso, nascida na cidade de San Sebastian de Guipuzcoa, no anno de 1585; sou filha do capitão D. Miguel de Erauso e de D.^a Maria Perez de Galarraga y Arce, ambos nascidos e moradores na referida cidade. Meus paes sustentaram-me em sua casa com meus irmãos até á idade de quatro annos. Em 1589, fizeram-me entrar no convento de S. Sebastian el Antiguo, o qual é de ordem dominicana. Minha tia D. Úrsula de Unza y Sarasti, prima co-irmã de minha mãe, era a prioreza. Alli permaneci até á idade de quinze annos, que foi quando tratei de professor.

Estava ainda no fim do meu anno de noviciado, quando tive uma questão com uma monja professa chamada D. Catalina de Alii, a qual, tendo enviuvado, entrara no convento, onde professou. Era uma mulher robusta e eu ainda menina; maltratou-me e eu senti-me bastante.

Na noute de 17 de março de 1600, vigilia de S. José, a communidade levantou-se á meia noite para cantar matinas; entrei no coro e achei minha tia ajoelhada. Chamou-me e, dando-me a chave da sua cella, disse-me que lhe fosse buscar o breviario. Fui logo, abri a porta da cella, agarrei no livro e vi, penduradas n'um prego, as chaves do convento. Deixei a cella aberta, e trouxe a minha tia a chave e o breviario. As monjas estavam no coro e as matinas já solememente começadas. A primeira lição, approximei-me de minha tia e pedi-lhe licença para me retirar, pretextando que me sentia adoentada. Minha tia, pondo-me a mão na testa, disse:

—Vae-te deitar.

Deixei então o coro, accendi uma candeia, voltei á cella e, tendo-me apoderado das chaves do convento, agarrei tambem n'uma tesoura, linhas, agulha, e n'alguns reales de prata que estavam á vista, e sahi, abrindo e fechando as portas.

Junto á ultima, que era a da rua, despi o escapulario e deitei a correr por ali fora, sem ver nem saber aonde iria parar.

Tomei ao acaso, e fui dar a um castanhal que era fora da cidade, por detraz do convento, mesmo junto a elle. Ahí me occultei e estive durante tres dias, tratando de arranjar com que me vestir; cortei e fiz para mim da veste azul que tinha, uns calções, e da saia verde de droguete que trazia por baixo, um gibão e polainas. Não sabendo o que havia de fazer do habito, deixei-o lá. Cortei os cabellos e deitei-os fóra.

Na terceira noite, parti e, indo á ventura atravez atalhos e aldeias, afim de me affastar para longe, fui ter a Victoria, povoação distante umas vinte leguas de San Sebastian, sempre a pé, muito fatigada, sem ter comido outra cousa a não ser as hervas que encontrava pelo caminho.

Entrei em Victoria sem saber onde havia de ficar.

Ao fim de alguns dias, estava alojada em casa do doutor D. Francisco de Cerralta que ali era professor, o qual me acolheu facilmente, sem saber quem eu era, e me deu de vestir.

Casara elle com uma prima co-irmã de minha mãe, pelo que soube depois, mas nunca me dei a conhecer. Demorei-me em sua casa cerca de uns tres mezes, ao fim dos quaes, vendo elle que eu lia bem o latim, me tomou maior interesse e quiz fazer com que eu estudasse.

Recusei-me a isso, elle teimou e insistiu, chegando a bater-me. Neste meio tempo, determinei-me a deixal-o, o que levei a effeito da maneira seguinte: tirei-lhe algum dinheiro e, combinado com um azemel que ia para Valladolid, povoação distante umas quarenta leguas, fugi na sua companhia.

Entrando em Valladolid, onde então estava a corte, colloquei-me como pagem em casa de D. Juan de Idiaquez, secretario do rei, o qual me vestiu convenientemente, e tomei o nome de Francisco Loyola.

Alli estive sete mezes muito contente. Ao fim d'este tempo, n'uma noite em que eu estava á porta com outro pagem meu companheiro, appareceu de repente meu pae que nos perguntou se o senhor D. Juan se encontrava em casa. O meu camarada respondeu que sim. Meu pae disse-lhe para o avisar de que elle estava ali. O pagem subiu, e eu fiquei com meu pae sem trocarmos palavra e sem que elle me reconhecesse. O pagem voltou e convidou-o a subir. Elle entrou e eu segui-o. D. Juan veio á escada e, abraçando-o, exclamou:

—Senhor capitão, que bom vento vos traz por aqui?

Meu pae respondeu-lhe de tal fórma que D. Juan comprehendeu logo ter elle algum vivo desgosto.

Entrou para a sala, despediu-se de uma visita e voltou.

Assentaram-se ambos.

Perguntou-lhe o que havia de novo, e meu pae referiu como a filha lhe fugira do convento, e que vinha áquella terra em sua procura. D. Juan testemunhou o quanto se encontrava pezaroso, tanto pelo desgosto que meu pae soffria e por mim a quem elle estimava, como por causa da boa fama do convento de que era protector, pois fôra fundado por seus antepassados, na terra em que nascera.

Quanto a mim, depois de ter ouvido a conversa e as lamentações paternas, retirei-me, corri ao quarto, agarrei no meu fato e saí levando uns oito dobrões que eu tinha. Fui para uma estalagem, onde dormi n'aquella noite, e sabendo que um almocreve partia na manhã seguinte para Bilbao, ajuntei com elle, e, ao romper da aurora, levantei-me sem saber que fazer nem aonde ir, senão deixar-me levar ao sabor do vento como uma penna.

Ao fim de uma longa jornada, umas quarenta leguas, me parece, chegámos a Bilbao, onde não achei alojamento nem commodos. Não sabia o que havia de fazer.

Entretanto, alguns rapazes se lembraram de me agarrar e bater, molestando-me bastante.

Foi preciso que lhes atirasse com pedras para os fazer fugir. Feri um d'elles, não sei em que parte do corpo, porque o não vi mais. Em vista d'isso, fui preso e estive um longo mez na cadeia, até que o ferido se curasse. Deram-me então a liberdade. Pagas as despezas, ainda me restava algum dinheiro. Saí immediatamente e dirigi-me a Estella de Navarra, que deve ser distante umas vinte leguas. Entrei em Estella, e ahí me accomodei como pagem de D. Carlos de Arellano, do habito de Sant'Iago, na casa e serviço do qual estive dois annos, bem tratado e bem vestido. Passado este tempo, sem outra razão mais do que o meu capricho, abandonei todas estas commodidades e fui para San Sebastian, minha terra natal, affastada d'ali umas dez leguas, onde permancei, sem pessoa alguma me reconhecer, bem vestido e de véras galante.

Um dia, fui ouvir missa ao meu convento. Minha mãe também assistia. Notei que ella olhava para mim. Não me reconheceu. Acabada a missa, as freiras chamaram-me do côro, mas fiz que não entendia, e, depois de muitas cortezias, esquivei-me lestantemente. Estava-se então no começo do anno de 1603.

D'ali, transportei-me ao porto de Pasage, que não chega a ser uma legua distante. Encontrei-me com o capitão Miguel de Borroiz, cujo navio partia para Sevilha. Pedi-lhe para me levar, ajustando com elle o preço de quarenta reales. Embarquei, partimos logo e chegámos promptamen-

te a San Lucar. Assim que desembarquei, fui visitar Sevilha e, ainda que tudo me convidava a entreter-me por lá, apenas me demorei dois dias, e voltei sem demora a San Lucar.

Ahi encontrei o capitão Miguel de Echazarreta, meu conterraneo, o qual commandava um patacho dos galeões de que era general D. Luiz Fernandes de Cordova, na armada que, no anno de 1603, D. Luiz Fajardo levava á ponta de Araya. Assentei praça como grumete n'um dos galeões do capitão Estevão Eguíño, meu tio, co-irmão de minha mãe, o qual vive hoje em San Sebastian.

Embarquei, e partimos de San Lucar, no dia de segunda feira Santa do anno de 1603.

II

Passei algumas miserias no decurso da viagem, por ser ainda noviço no mister. Sem me conhecer, meu tio tomou-me affeição e fez-me festas perguntando-me de onde eu era e os nomes supostos dos meus paes. Não me reconheceu, e achei n'elle um protector.

Chegando á ponta de Araya, encontrámos uma flotilha inimiga fortificada em terra. A nossa armada expulsou-a. Finalmente, ganhámos Cartagena das Indias, onde nos demorámos oito dias. Ahi, fiz-me riscar do rol da equipagem e passei para o serviço do dito capitão Eguíño, meu tio. Dirigimo-nos para Nombre de Dios onde ficámos nove dias. E como ahí nos morresse muita gente, apressou-se a partida.

Embarcado o dinheiro e tudo já a postos para voltar a Hespanha, preguei a meu tio uma partida tirando-lhe quinhentos pesos.

Perto das dez horas da noite, enquanto elle dormia, eu saí e disse aos guardas que o capitão me mandava á terra para negocio.

Como elles me conheciam, deixaram-me passar confiadamente. Saltei em terra, e nunca mais me viram. Uma hora depois, disparou-se o tiro de canhão, annunciando a partida e, levantados os ferros, a frota largou a todo o panno.

Tendo partido a armada, empreguei-me ao serviço do capitão Juan de Ibarra, commissario das Caixas Reaes do Panamá, o qual ainda hoje vive. Quatro ou seis dias depois, partimos para o Panamá, onde então habitava. Estive cerca de tres mezes na sua companhia.

Não foi bom negocio o que eu fiz, porque elle era sovina e tive que despendar tudo quanto tirara a meu tio, até que só me restavam quatro maravedis. Foi forçoso despedir-me, afim de procurar remedio n'outro lado, e fazendo as minhas diligencias, descobri Juan de Urquiza, mercador Truxillo, com o qual me ajuntei.

Estava perfeitamente bem.

Demoramo-nos tres mezes no Panamá.

(Continúa)

Esteves Pereira.

Imitação de um soneto de Camões

É quasi ignorada entre nós a litteratura mexicana, apesar dos seus muitos cultores, quer do tempo da dominação hespanhola, quer depois da independencia, e por isso julgo que a maior parte do que se disser d'ella será novidade; tanto mais que no caso presente a obra de que trato é uma poesia apenas, escondida, perdida no meio d'essa litteratura, e portanto facilima de escapar á attenção dos leitores. Estas duas razões e a do merecimento do escripto em si já de sobra desculpam a minha noticia; acresce porém ainda outra, para nós portuguezes a principal, a de ser o soneto que vou transcrever imitação de um do nosso grande épico, e a mesma noticia uma contribuição modesta para a sua immortal memoria e para os apreciadores e collectores de especies camoneanas.

O auctor do soneto chama-se Francisco Terrazas; foi filho de um dos conquistadores do Mexico, idos com Cortez, e falleceu na cidade d'aquelle nome em 1604.

Eis as duas poesias. Pela sua leitura comparada se verá claramente a imitação do poeta americano.

Dejad las hebras de oro ensortijado,
Que el anima me tienen enlazada,
Y volved á la nieve no pisada
Lo blanco de esas rozas matizado;

Dejad las perlas y el coral preciado,
De que esa boca está tan adornada;
Y al cielo, de quien sois tan envidiada,
Volved los soles que le habeis robado.

La gracia y discreción, que muestra ha sido
Del gran saber del celestial maestro,
Volvédsele á la angelica natura;

Y todo aquesto asi restituído,
Veréis que lo que os queda és proprio vuestro:
Ser áspera, cruel, ingrata y dura.

*

Tornae essa brancura á alva assucena,
E essa purpurea côr ás puras rosas;
Tornae ao sol as chammias luminosas
D'essa vista que a roubos vos condemna;

Tornae á suavissima sirena
D'essa voz as cadencias deleitosas;
Tornae a graça ás Graças, que queixosas
Estão de a ter por vós menos serena;

Tornae á bella Venus a belleza;
A Minerva o saber, o ingenho e a arte;
E a pureza á castissima Diana;

Despojae-vos de toda essa grandeza
De dons; e ficareis em toda parte
Comvosco só, que é só ser inhumana.

Ramos-Coelho.



Recebemos e agradecemos

A Peccadora—notavel romance de costumes, original do laureado escriptor hespanhol Perez Escrich—edição illustrada com grande numero de gravuras. João Romano Torres, editor. Rua D. Pedro V, n.º 84 a 88—Lisboa.

Acabamos de receber as ultimas cadernetas d'este mimoso e commovente romance, a que nos temos já referido, com o merecido louvor.

A Peccadora é um romance de acção romantica bastante accidentada e de scenas da mais alta emoção. Grande foi o interesse que despertou durante a sua assignatura e publicação, e não menor será o que deve alcançar agora que a obra está completa e se pode lêr d'um só jacto.

A empresa distribue um magnifico brinde aos assignantes do notavel romance, e que constitue uma bella estampa, de grande valor artistico, representando Vasco da Gama offerecendo a D. Manuel as primicias da India.

Brinde e romance são dignos das mais selectas collecções e abonam o bom gosto de quem os possuir.

Para as creanças publicação mensal. Redacção e administração—Setubal. N.º 1 da 1.ª serie—Abril de 1898. Directora D. Anna de Castro Osorio.

Temos presente o primeiro numero d'esta graciosa bibliotheca que realmente vem prehencher uma lacuna de ha muito sentida na nossa litteratura, pela escassez de contos proprios á imaginação infantil. No prospecto, diz a sr.ª D. Anna de Castro Osorio:

«Escrivendo sem pretensões eruditas, bordei sobre a tradição popular as historiasinhas phantasticas, que formarão o primeiro e ainda outros volumes d'esta bibliotheca. Alternadamente serão publicados, para não cançar o espirito dos meus pequeninos leitores com a repetição de muito maravilhoso, contos originaes, especialmente feitos para educação e recreamento de meninas e meninos de mais idade.»

A interessante publicação desejamos o exito e longa vida que merece.

Portugal Agricola dedicado aos interesses, fomento, progresso e defeza da lavoura na metropolo e nas colonias—Redactor-proprietario João Achilles Ripamonte.

Temos presentes os n.ºs 7 e 8 do anno de 1896-1897. Entre os artigos que inserem, distinguem-se os seguintes: *As colonias militares agricolas-commerciaes e os agronomos*, por D. Luiz de Castro; *Contribuição predial*, por Larcher Marçal; *Melhoramento do gado cavallar em Portugal*, por Joaquim Ferreira Rés; *Noz moscada*, por A. Frederico Molla, entremesado de muitas gravuras elucidativas de varios instrumentos e machinas.

O *Portugal Agricola* é um dos periodicos da sua especialidade mais selectamente collaborados. Não é preciso dizer mais.

A GRANDE CATASTROPHE DE PARIS



GOMERY E EDUARDO VAUDIER, COSINHEIROS DO HÔTEL DU PALAIS

Os livros, Letras, Artes & Sciencias. Redacção na Livraria de Souza Brito & C.ª Rua do Almada 104. Porto.

Parece não ter passado do primeiro numero esta nova revista litteraria portuense: Até ao momento em que escrevemos, não temos presente nenhum outro fasciculo pelo qual pudéssemos verificar bem a orientação que pretende seguir, e definir os elementos de que dispõe. E' sempre erroneo querer formar opinião de uma revista qualquer, quando apenas se lê o primeiro numero, que muitas vezes constitue uma verdadeira excepção, não passando muitas vezes de mera tentativa. Nem o leitor intelligente e sceptico avalia tambem pelas primeiras impressões, quer obras, quer factos continuados e permanentes. Para isso não basta, pois, compulsar um primeiro numero.

N'Os livros mostravam-se elementos valiosos, e é com viva pena que sentimos gorasse mais esta revista.

Revista de la Union Ibero Americana—Madrid, 8 de abril de 1897. Anno XII. Numero 139.

Ha muito tempo que não tinhamos o prazer de folhear esta apreciada revista madrilena, orgão da importante Associação Internacional fundada em 25 de janeiro de 1885 e declarada de fomento e utilidade publica em 18 de junho de 1890, e cujo director é o sr. marquez de Benavites.

O numero presente encerra varios artigos interessantes, distribuidos pelas cinco secções: *Oficial, informações geraes, financeira e estatística, legislativa, litteratura, sciencias e artes*, sobresa-hindo um trabalho ácerca dos estudos hellenicos em Hespanha, pelo sr. Julian Apraiz.

Occidente dos Açores—revista geral—Horta—Director e proprietario—Abilio da Silva.

Este nosso homonymo é um periodico de colaboração litteraria bastante variada, sahido dos prélos da typographia do «Atlantico», da cidade de Horta.

Inserem muitas noticias bibliographicas, grande numero de anuncios, sendo uma das publicações mais importantes da ilha do Fayal.

Maguas, por Villela Passos—Lisboa. M. Gomes, livreiro. 1897.

Mimosa colleção de poesias, enfeixadas delicadamente, este livro do sr. Villela Passos, *A revolução poetica*, que precede o texto poetico, é de veras notavel. N'ella analisa o auctor a escola *decadente*, com inteira justiça, e muito temos a felicitar o de ter fugido a ella.

Os seus pequeninos poemas, offerecidos todos a grande numero de amigos, são dignos de quem os dedica e de quem os recebe. Ao auctor são faceis as diversas variantes da fórmula metrica e estrophica, e por isso sobre uma idéa graciosa desenvolve-a bem nos seus canoros versos.

Relação de Lisboa—Aggravo crime N.º 1829—Relator o Ex.º Sr. Firmino João Lopes—Aggravante o professor Augusto Epiphany da Silva Dias, aggravado José d'Azevedo Castello Branco. Petição do aggravante. Lisboa 1897.

O assumpto de que se trata é de veras pundonoroso, porquanto ha n'elle afirmações de alta importancia, cuja verificação se impõe como de necessidade moral.

O illustre advogado sr. dr. Eduardo Alves de Sá, uma das glorias do fóro portuguez, expõe

admiravelmente a questão, e, pedindo justiça, termina rogando se mande archivar este processo, em nome do professor Epiphany da Silva e das liberdades publicas, que são tambem as do illustre c.ºusidico.

O Instituto—revista scientifica e litteraria—Volume XLIII—N.º IX—M. DCCC—XCVI. Setembro. Coimbra—Imprensa da Universidade.

Este numero da importante revista conimbricense é composto pelo artigo III de *Estudos sobre Sá de Miranda*, trabalho do erudito investigador sr. Sousa Viterbo; pelas *Memorias de Castilho* por Julio de Castilho; *Antonio Homem* por Antonio José Teixeira; *Memoria e estudo chymico sobre as aguas mineraes e potaveis de Moledo*, por A. J. Ferreira da Silva; *Apontamentos para a historia da Academia Portuense de Bellas-Artes* por Thadeu Furtado. *Notas d'un pae* por Bernardino Machado; *Livro das obediencias dos geraes*.

O Jornal dos Romances.—illustrado—Porto 15 de maio de 1897—N.º 1 a 5.

Acompanhados do numero programma, recebemos esta nova publicação portuense que insere romances dramaticos, romances de viagens e aventuras, romances historicos, novellas e phantasias, contos para creanças e uma secção recreativa de veras interessante.

Pela sua novidade e abundancia de leitura aliadas a uma extrema barateza pois que apenas custam 20 réis, 8 paginas de grande formato a tres columnas, deve a presente publicação ter um successo enorme como já se accentua.

Entre os romances que presentemente traz em publicação o *Jornal dos Romances*, distinguem-se: *Os Cavalheiros da Rosa Vermelha*, *Joanninha a costureira*, a *Viagem aerea* e grande numero de contos e gravuras.

Na verdade, o *Jornal dos Romances* veio preencher uma lacuna do nosso meio litterario.

Revista critica de historia y litteratura española, portuguezas e hispano-americanas. Anno II N.º 1, 2 e 3. Preciados, 48. Madrid.

Com o primeiro dos numeros presentes, inaugurou o seu segundo anno esta apreciavel revista, pelo que lhe enviamos cordealmente os nossos mais sinceros parabens.

Muitos são os artigos de valor que inserem, e muitos d'elles apresentam interesse aos portuguezes. Seja-nos licito, todavia, destacar um extenso e bem elaborado artigo critico do illustre professor, sr. F. Adolpho Coelho, ácerca da *bibliographia das viagens por Hespanha e Portugal*, livro recente do francez sr. Delbose e a cujo respeito produz o sr. Coelho interessantissimas indicações.

Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa, fundada em 1895, 15 serie n.º 7, 8 e 9. Imprensa Nacional—1896.

N'estes numeros do apreciavel boletim, continua-se a publicação dos seguintes importantissimos trabalhos: *Mitras Lusitanas no Oriente* por Casimiro Christovão de Nazareth, que occupa os n.ºs 7 e 9; *America austral*, cartas escriptas da America nos annos de 1882 a 1883 por A. Lopes Mendes, terceira parte, e sua conclusão.

A CAMPANHA D'AFRICA

CONTADA POR UM SARGENTO

EDIÇÃO POPULAR

Illustrada com 40 gravuras retratos dos heroes da campanha, vistas de terras d'Africa, combates, etc

Preço 300 réis, pelo correio 320 réis
Com uma linda capa de percaline, 500 réis

Segunda edição

PEDIDOS À EMPREZA DO OCCIDENTE

LARGO DO POÇO NOVO
LISBOA

O OCCIDENTE acha-se á venda em Paris na livraria Boyveau & Chevillet—Rue de la Banque, 22—(Près la Bourse).

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. de A. E. Barata Rua Nova do Loureiro, 25 a 93